

## Detalhe

Foi durante uma leitura bastante enfadonha de “A escrita ou a vida”, de Jorge Semprún, que me deparei com uma imagem estarrecedora. Semprún foi um escritor sobrevivente do Holocausto, que conseguiu escapar em uma grande fuga orquestrada pelas tropas americanas do campo de concentração de Buchenwald. Em determinado momento do livro, ainda dentro do campo, ele diz que os pássaros que habitavam uma floresta próxima pararam de cantar. Um tempo depois, soube que, como ele, os pássaros fugiram, migraram para outro canto, afugentados pela fumaça tóxica dos fornos crematórios que funcionavam em Buchenwald e que chegavam até a floresta. É difícil recortar algo da realidade, mesmo da realidade ficcional, que ainda não tenha sido explorado pela gigantesca literatura que se fez da Segunda Guerra Mundial. O vôo dos pássaros, frequentemente associado à liberdade, evoca aqui todas as camadas de crueldade e desumanização dos anos quarenta na Alemanha, na qual o ritmo da morte era tão denso e devastador, que, junto com os judeus, comunistas e homossexuais calados com a morte, até a floresta foi silenciada.